



# A “noção da indefinição” nas abordagens linguísticas

*The “notion of vagueness” in linguistic approaches*

Marília Blundi Onofre<sup>1</sup>

*Universidade Federal de São Carlos*

Leonildes Pessoa Facundes<sup>2</sup>

*Universidade Estadual do Maranhão*

**RESUMO:** Este artigo visa apresentar parte de uma problemática que foi o objeto da nossa Tese, a “Noção de indefinição”, para tanto, fizemos uma pesquisa de como as abordagens linguísticas apresentam tal definição. Definição e indefinição são classificados como termos acessórios, mas em nossas pesquisas, observamos que são mecanismos presentes e com grande importância em determinados cotextos e contextos que sua ausência comprometeria a construção de sentidos dos textos. São pontos relevantes em discussão, porém nossa reflexão para responder esses questionamentos partiu da base dos fundamentos da Teoria das Operações Enunciativas e Predicativas de Antonie Culioli.

**PALAVRAS-CHAVE:** Indefinição. Definição. Operações enunciativas e predicativas.

**ABSTRACT:** Cet article a pour objectif de présenter une partie d'une problématique qui a fait l'objet de notre Thèse, la « Notion d'indétermination », c'est pourquoi nous avons mené une recherche sur la manière dont les approches linguistiques présentent une telle définition. Et nos dilemmes pour résoudre ces limites ainsi laissées de côté par certaines approches, nous cherchons donc à présenter comment les approches présentent cette question. La définition et l'indéfini sont classés comme des termes accessoires, mais dans notre recherche, nous avons observé qu'ils sont des mécanismes présents et d'une grande importance dans certains contextes et contextes que leur absence compromettrait la construction de sens dans les textes. Ce sont des points pertinents en discussion, mais notre réflexion pour répondre à ces questions s'est appuyée sur les fondements de la Théorie des opérations énonciatives et prédictives d'Antonie Culioli.

**KEYWORDS:** Non défini. Définition. Opérations énonciatives et prédictives.

## Introdução

Nosso dilema inicial foi quanto à própria terminologia, como resolver esta problemática (In)definição, (In)determinação? O que é um termo ou uma unidade lexical com noção de definido ou indefinido?

Neste artigo, inicialmente, buscaremos demonstrar tais diferenças terminológicas. Apresentar como as abordagens linguísticas tratam da noção de indefinição. E, a seguir pretendemos fazer uma análise da noção de indefinição como marca de operação de atividade de ensino, de acordo com a Teoria das Operações

<sup>1</sup> Professora Doutora em Linguística no Programa de Pós-Graduação na Universidade Federal de São Carlos/ UFSCar. E-mail: blundi@uol.com.br.

<sup>2</sup> Professora Assistente na Universidade Estadual do Maranhão/UEMA. Doutoranda em Linguística, PPGL/UFSCar. E-mail: leonildespessoa@gmail.com.

Enunciativas e Predicativas - TOPE. Tendo como referência as propostas Lima (1997) Correia (2002), Franckel, Paillard & Vogüé (2011), Rezende (2006, 2009e 2011), Onofre (2006) e Romero (2018) e Cumpri (2019), dentre outros.

O nosso intuito com essa noção perpassou por questões de ordem lógica, filosófica e linguística que serviu para nós como um propósito de nos fundamentarmos no tema em questão, que resultou de um trabalho árduo para esclarecimento de operações enunciativas frequentes no ensino que são deixadas de lado, como não relevantes para um primeiro plano.

### 1. O que é indeterminado? O que é indefinido?

Pensamos primeiro na classificação morfológica, pronome indefinido e também a classe artigo (definido e indefinido). Teria mais alguma classe de palavra que trata dessa questão? Podemos encontrar enunciados sem essas classes de palavras, mas que dão ideia de indefinição?

A seguir iremos discutir os conceitos de gramática, seus fundamentos e implicações metodológicas em abordagens prescritivistas, descritivistas e interacionais, bem como suas contribuições para o ensino-aprendizagem de língua.

### 2. A gramática sob diferentes abordagens linguísticas

A nossa reflexão tem como referencial as noções de definição e de indefinição linguística. À medida que nosso interesse se volta para o ensino de gramática articulado à produção textual, visando ao desenvolvimento da competência discursiva do aluno, objetivo primeiro do ensino-aprendizagem de língua, levantamos questões sobre trabalhos gramaticais propostos pela escola que se mantêm alheios a esse objetivo.

#### 2.2. A gramática sob a abordagem prescritivista

Aristóteles propõe que a classe dos nominais é composta por seis categorias, *substantivo*, que nomeia as *substâncias*, três tipos de *adjetivos*, identificados como *qual*, *quanto* e *relativamente a que*, e dois *advérbios*, de lugar, *onde*, e de tempo, *quando*; e a classe dos verbais composta por quatro categorias, representadas por *estar em posição*, *estar em estado*, *fazer* e *sofrer*. Depois de examinar tais categorias, Benveniste (1995) afirma:

Aristóteles apresenta assim a totalidade dos predicados que se podem afirmar do ser, e visa a definir a conotação lógica de cada um deles. Ora, parece-nos [...] que essas distinções são em primeiro lugar categorias de língua e que de fato Aristóteles, raciocinando de maneira absoluta, reconhece simplesmente certas categorias fundamentais da língua na qual pensa. (BENVENISTE, 1995, p. 71).

Embora não trazemos aqui os argumentos e questionamentos apresentados por Benveniste (1995), esses estão postos a partir da comparação entre línguas cujas estruturas não se aproximam e suas conclusões são convincentes para demonstrar que a relação entre as categorias do pensamento e as categorias da língua não se explicam de fato, que as categorizações propostas resultam de observações sobre a língua e não sobre a linguagem, e, ainda, que essas categorias gramaticais edificam-se a partir de uma determinada língua de prestígio.

As reflexões de Benveniste denunciam a problemática em torno da concepção gramatical prescritiva que, entre várias questões, hierarquiza as categorias priorizando os nomes e verbos, bem como as funções centrais que essas vão assumir como termos nucleares nos sujeito e predicado gramaticais, como se tratassem de universais linguísticos, o que se revela falacioso. Nesse quadro, se considerarmos as noções de definição e de indefinição linguística, verificamos que não há um lugar de análise explícito para tais traços, que em estudos gramaticais posteriores serão atribuídos à classe dos artigos – (in) definidos - e dos pronomes (in) definidos. Ao mesmo tempo, é possível pensar que essas noções poderiam estar entre as categorias aristotélicas adjetivas, identificadas como *qual* e *quanto*. Essa função lhes será atribuída, tempos mais tarde, sintaticamente, como adjuntos adnominais. Aqui, como se vê, ainda se misturavam as categorias morfológicas e suas funções sintáticas. De qualquer forma, é questionável o papel menor que se atribui aos adjuntos e com eles a noção de (in) definição linguística.

Uma vez superada a concepção da linguagem como imagem do pensamento e do mundo, e, então, concebida como forma de representação do pensamento e das coisas, a perspectiva gramatical mentalista<sup>3</sup> foi se mantendo ao longo da história, confrontando-se entre posições empíricas ou racionais, passando por diferentes configurações. Entre essas citamos, por exemplo, as definições propostas na Gramática de Port Royal (1992), que estabeleceram as classes de palavra, como representantes daquilo que o homem concebe no mundo, e as relações entre elas, por meio das quais se gera a proposição, como representante de um julgamento sobre as coisas. Arnauld & Lancelot (1992) afirmam que

tendo os homens necessidade de signos para exteriorizar tudo o que se passa em seu espírito, é indispensável que a distinção mais geral seja que uns signifiquem os objetos dos pensamentos e outros a forma e o modo de nossos pensamentos, embora esses signos não estabeleçam só a maneira, mas também o objeto [...] (ARNAULD & LANCELOT, 1992, p. 29)

Os autores, então, dividem as classes de palavra entre esses dois tipos, e colocam os artigos e pronomes no primeiro grupo, ao lado dos nomes. Definem o artigo como certas partículas que as línguas criaram para determinar a significação vaga de nomes comuns e apelativos, de outra maneira que não pelo número singular e plural. Ao discorrer sobre os artigos, os autores apresentam-no quanto à forma, suas relações com outras palavras, e nada dizem sobre suas funções enunciativas ou discursivas. Tais funções serão apontadas na discussão sobre as regras de uso do pronome relativo, quando, ao observar ocorrências.

Das observações apresentadas na Gramática de Port Royal (1992), podemos dizer, em síntese, que a noção de indeterminação é atribuída aos nomes comuns (que diferem dos nomes próprios) que, quando enunciados, não trazem marca de sua extensão (quer dizer, não se quantificam), o que se faz por meio da ausência de determinantes. E, no caso, da presença dos determinantes, esses são responsáveis por marcar ou a totalidade do nome comum enunciado (esse será determinado por apontar toda a sua extensão (Todo homem)) ou sua particularidade, que pode ser um determinado definido (o homem) ou um determinado indefinido (um homem).

Embora essas reflexões tiveram lugar há muito tempo, é possível observá-las muito presentes nas gramáticas ao longo do tempo. Nesta pesquisa selecionamos as seguintes gramáticas de Bechara (2002); Cunha & Cintra (2013) e Azeredo (2014)

---

<sup>3</sup> A formalização da abordagem mentalista, segundo Franckel (2011, p.20) “permite extrair do arsenal dos modelos que existem em outros domínios (modelos lógico-matemáticos, teoria dos protótipos, por exemplo) os conceitos suscetíveis de uma adequação à descrição e à análise dos fatos da língua”.

observando como são apresentadas as classes dos artigos e dos pronomes indefinidos nos níveis morfológicos e sintáticos.

Na “*Moderna gramática portuguesa*” Bechara (2002) os artigos e pronomes indefinidos são identificados como determinantes, nesta abordagem de gramática. **Os determinantes** estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: adjetivo, artigo e pronomes demonstrativos ou equivalentes de adjetivos conforme no conceitua Bechara (2002, p. 411). Veremos, a seguir, o que o autor apresenta sobre as duas classes de palavras artigo e pronomes indefinidos em dois níveis morfológico e sintático.

Os artigos definidos e indefinidos, a nível morfológico, conforme Bechara (2002, p. 153): “Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente artigo **o,a,os,as** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos”. Segundo o autor, *os artigos indefinidos um,uns,uma,umas* se assemelham aos definidos pela mera circunstância de funcionarem como adjunto de substantivo, mas diferem pela origem, tonicidade, comportamento de discurso, valor semântico e papéis gramaticais.

Bechara (2002) afirma “os *pronomes definidos e indefinido* são os que se aplicam a terceira pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada”. Funciona como *pronomes indefinidos substantivo*, todos os invariáveis: **alguém, ninguém, tudo, nada, algo, outrem**. São *pronomes indefinidos adjetivos*, todos variáveis com exceção de **cada: nenhum, outro** (também isolado), **um** (também isolado), **certo, qualquer** (só variável em número: **quaisquer**), **algum, cada**. Os pronomes indefinidos aplicam-se a quantidades indeterminadas, todos variáveis, com exceção de **mais e menos: muito, mais, menos, pouco, todo, algum, tanto, vários, diverso**. (BECHARA, 2002, p.168)

No nível sintático, os artigos e os pronomes indefinidos são considerados termos acessórios, classificados como adjuntos adnominais ou identificados como determinantes nominais.

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por **determinantes** que têm por missão acrescentar ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. (BECHARA, 2002, p. 449) (grifos nossos)

Do exposto, o SN pode constituir-se por determinantes que são representados pelas classes que estamos estudando, artigos e pronomes. E, como foi apresentado pelo autor há a classificação dos *pré-determinantes* os que aparecem à esquerda do determinante identificados por *quantificadores* (algum, certo, vários, todo, qualquer, alguns (de), etc.) que são palavras classificadas por pronomes indefinidos.

Na “*Nova gramática do português contemporâneo*” Celso Cunha e Lindley Cintra (2013) e na mesma direção de Bechara (2002), sobre *os artigos* apresentam a seguinte definição:

“Dá-se o nome de ARTIGOS às palavras *o* (com as variações *a,os,as*) e *um* (com as variações *uma,uns, umas*), que se antepõem aos substantivos para indicar: a) que se trata de um ser já conhecido do leitor ou ouvinte, seja pó ter sido mencionado antes, seja por se objeto de um conhecimento de experiência, como nestes exemplos: Levanta-se, vai à mesa, tira o cigarro da caixa de laca, acende o cigarro no isqueiro, larga o isqueiro, volta ao sofá. (F. Botelho, X,183) [...]; b) que se trata de um simples representante de uma dada espécie ao qual não se fez menção anterior: Era uma casinha nova, a meia encosta, com trepadeiras pela varanda. Tinha um pomar pequeno de laranjeiras e

marmeleiros e mais **uma** hortazinha, ao longo do rego que descia do morro (R. M. F. de Andrade, V, 119) (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 219, grifos dos autores).

Comparando-se esta frase de Alceu Amoroso Lima, “*Foi chegando **um** caboclinho magro, com **uma** taquara na mão*”. (A.A, 40) às seguintes, “*Foi chegando **o** caboclinho magro, com **a** taquara na mão*”. “*Foi chegando **este** caboclinho magro, com **esta** taquara na mão*”. Verifica-se que a **determinação** dos substantivos *caboclinho* e *taquara* vão se tornando mais precisa à medida que se passa do *artigo indefinido* (*um, uma*) para o *artigo definido* (*o, a*) e, depois, para o demonstrativo (*este, esta*). No primeiro caso, indica-se apenas a *espécie* dos substantivos que são apresentados ao ouvinte. No segundo, restringe-se a extensão do significado dos substantivos, com função *individualizá-los, defini-los*. No terceiro, limita-se ainda o sentido dos substantivos, que aparecem situados no *espaço* e no *tempo*. Exemplificando: *este caboclinho magro* não é *um caboclinho magro qualquer* (INDEFINIDO), nem o *caboclinho magro*, que o interlocutor conhece (DEFINIDO), mas o que está, no momento, perto da pessoa que fala. Em outras palavras: o *artigo definido* é, essencialmente, um sinal de notoriedade, de conhecimento prévio, por parte dos interlocutores, do ser ou do objeto mencionado; o *artigo indefinido*, ao contrário, é por excelência um sinal de falta de desconhecimento individualizado, por parte de um dos interlocutores (o ouvinte), do ser ou do objeto em causa.

Para Cunha & Cintra (2013, p. 370), “chamam-se de **indefinidos os pronomes** que se aplicam à terceira pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado”. Sintaticamente na oração, os termos acessórios (adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto) Cunha & Cintra (2013, p.163-164) afirma “são termos que se juntam a um nome ou a um verbo para precisar-lhe o significado. Embora tragam um dado novo à oração, não são eles indispensáveis ao entendimento do enunciado.” O artigo definido e indefinido juntamente com os pronomes indefinidos é considerado adjunto adnominal.

Na “*Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*” Azeredo (2014, p. 180), “chama-se *artigo* a palavra gramatical variável em gênero e número que, no texto, se antepõe ao substantivo quando o enunciador se refere a uma entidade determinada, já conhecida do interlocutor”. O autor defende que, nesse sentido, o artigo tem, por isso, uma função remissiva no discurso e afirma que “o referente do substantivo determinado pelo artigo ocupa necessariamente um lugar na memória do interlocutor”.

É importante destacar que Azeredo faz uma observação em relação aos chamados ‘artigos indefinidos’ “é, na realidade, uma variedade de pronomes indefinidos” (AZEREDO, 2014, p. 180).

Azeredo (2014, p. 179) define: “chamam-se de *pronomes indefinidos* as palavras gramaticais de significação imprecisa e não dêitica – característica que os separa dos pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos – e que, como estes, integram o sintagma nominal”. Ainda, segundo o autor, “trata-se de um conjunto de unidades heterogêneo tanto pelo lugar que ocupa na estrutura do SN quanto pelos significados que expressam”.

Para Azeredo, a justificativa de classificação de ‘indefinidos’ é o traço ‘quantidade indeterminada’ associado a unidades como *um, algum, pouco, muito, vários, bastante* etc. No entanto, a alguns deles se associa, às vezes cumulativamente com o traço quantitativo, o valor de ‘remissão’ (*mais, menos, outro, mesmo, demais*), o de ‘distribuição’ (*cada, cada um, cada qual*) ou de ‘ênfase’ (*próprio, mesmo*).

A abordagem é essencial para a compreensão do funcionamento da língua nas suas diferentes formas de realização, vai além, no sentido de expor aspectos conceituais,

permitindo compreender a variação e a mudança como elementos constitutivos dos fenômenos linguísticos.

Os gramáticos observados aproximam-se quanto ao fundamento mentalista em que se pautam, explicando as categorias linguísticas relacionando-as à realidade tal como percebida pelos sujeitos. Retomando a crítica apresentada por Benveniste (1995), esse modelo gramatical, na verdade, é uma forma de prescrição sobre um recorte de língua de prestígio. Sobre as noções de definição e de indefinição características dos artigos e pronomes observadas neste modelo gramatical, podemos considerar, em síntese, quanto a seu papel morfológico, esses atuam como determinantes-indeterminantes, adjetivos e ainda como substantivos; e como tais, ocupam as mesmas funções sintáticas que essas categorias podem ocupar. Diante desse amplo contexto em que essas noções poderiam ser analisadas, as nossas análises centram-se nos artigos e pronomes (in) definidos, quando em posição de determinantes e, ao mesmo tempo, em função de adjunto adnominal, excluindo-se, assim, as demais formas e funções que possam assumir.

## 2.2 A gramática sob a abordagem descritiva

Perini (2006, p. 31) considera a gramática (entendida como a descrição da estrutura de uma língua) um conjunto de hipóteses. A função dessas hipóteses está em fornecer uma imagem compacta da língua, de maneira que se possa, até certo ponto, prever aquilo que os falantes aceitam e não aceitam. Ainda segundo o autor (2006, p. 49), o princípio da descrição gramatical é o de descrever as formas, os significados e as relações entre eles (relações simbólicas). O autor exemplifica com o verbo *abrir*, ilustrado pelas frases: Rodolfo abriu a janela. A janela, Rodolfo abriu. A janela foi aberta por Rodolfo. A janela abriu. Cada uma dessas frases apresenta traços semânticos e são fatos da língua. É possível que essa apresentação neutra deixe de capturar generalizações, mas como elas são afirmações gramaticais, são hipóteses, logo, dependem de dados para sua validação.

No modelo descritivista, as funções sintáticas, por sua vez, não se definem apenas no nível da oração. A classe do sintagma nominal (SN) tem em suas estruturas internas posições exclusivas em termos de ordem. De acordo com Perini (2006, p. 118), “existem palavras como *o, um, esse, aquele* (e seus femininos e plurais) que se caracterizam por aparecerem em primeiro lugar no SN”. São classificados com a função de *determinantes*, conforme exemplos:

*A última casa da rua. \*Última a casa da rua.*

*Um professor gordo. \*Professor um gordo.*

*Aquelas camisas horrorosas que você usa. \* Camisas horrorosas aquelas.*

Em nota de observação, Perini (2006, p.118) afirma que os falantes do Sul do Brasil utilizam ‘*aquele*’ propostos: *o professor aquele*. Há também o *predeterminante* que é sempre o primeiro elemento do SN, e o *determinante* é o primeiro se não houver predeterminante, por exemplo: *Todas essas camisas horrorosas; Todos os professores*. O autor faz uma crítica ao modelo anterior, quando analisou o exemplo: *Todos esses cinco jogadores estão suspensos*. O SN é *todos esses cinco jogadores*, o núcleo é *jogadores*. Segundo a análise tradicional, os termos pré-nucleares são classificados com a função de ‘adjunto adnominal’ conforme Perini (2006, p. 182), “mas essa análise é inadequada, pois ignora o fato de que eles se comportam cada um à sua maneira, e bem diferentemente uns dos outros”.

O sintagma nominal (SN) é uma construção sintática que tem por núcleo um substantivo ou um pronome, o primeiro uma classe basicamente designadora, e o segundo uma classe dêitica/fórica/substituidora<sup>4</sup>. SN – (Especificadores) + Núcleo + (Complementadores). O estudo do pronome parte do SN. Na nomenclatura linguística, os pronomes essenciais são considerados núcleo do SN, enquanto os pronomes acidentais possessivos, demonstrativos e indefinidos (juntamente com o artigo) são integrados na classe dos Especificadores.

Castilho (2010, p.485) na sua *Nova Gramática do Português Brasileiro* apresenta os seguintes exemplos de sintagmas nominais (SN) nucleados por pronomes neutros, separados por duas classes: demonstrativos neutros e quantificadores indefinidos. Castilho (2010, p.474) trata os pronomes de modo geral dos seguintes pontos de vista: *semântico-discursivo*, os pronomes: representam as pessoas do discurso, pelo caminho da dêixis; eles permitem a retomada, pelo caminho da anáfora e catáfora; *gramatical* – suas propriedades morfológicas são de: caso, pessoa, número e gênero; *sintaxe* – quando a forma acompanha o substantivo, e a da substituição, quando a forma substitui o substantivo.

Diante dessas discussões, surgem alguns questionamentos, por que será que a classe dos pronomes se tornou tão complexa? Será mesmo, como todos a definem, que ela é uma classe secundária em relação ao substantivo? Qual o caráter dêitico dos pronomes? A terceira pessoa acarretou ou não acarretou aos pronomes uma perda de propriedades? São questões que vamos olhar especificamente para os pronomes indefinidos, objeto desta pesquisa.

Há também o olhar Descritivista, os contextos são de usos, no sentido que são apresentadas as variantes linguísticas, não ficando presas ou amarradas a uma variação padrão de língua. Língua e sociedade são duas realidades que se inter-relacionam, sendo impossível conceber-se a existência de uma sem a outra. Constituem relações de investigações sociológicas e políticas, desde que discutam questões como multilinguismo no desenvolvimento econômico e as políticas linguísticas que um governo pode adotar. Como podemos observar a abordagem descritivista tem suas contribuições para o ensino de língua de herança, com suas variações fonética-fonológica, lexical, morfológica e sintática que a partir de estudos e prática acarretam sérios problemas de compreensão para o aluno.

Rezende (2009, p.8) afirma: há uma “ausência do conceito de linguagem na reflexão linguística e no ensino de línguas”. “O conceito de linguagem para o estruturalismo é o conceito de língua”, assim afirma Rezende (2009, p.9), “as descrições de línguas não tem poder explicativo [...] Não há como partir de um conceito restrito de linguagem e encontrar o conceito somatório.” A língua vista como estrutura também perdeu força com outras abordagens psicolinguística, funcionalista, as teorias ditas enunciativas, linguística textual, análises da conversação, etc. No item a seguir discutiremos as abordagens interacionais.

### 2.3. A gramática sob abordagem interacionistas

A Linguística textual que estuda a construção textual nas operações básicas como a progressão referencial com seus princípios de *ativação, reativação e de-ativação*, segundo, Kock (2003, p.83), pode se distinguir as seguintes estratégias de progressão

---

<sup>4</sup> Entende-se por *dêixis* uma categoria que depende crucialmente da situação discursiva, e não das propriedades intencionais necessárias à configuração das categorias de referenciarão e predicação, para ficarmos nessas duas. A referência desses termos está no discurso, na situação social concreta que envolve os falantes, e não apenas nessas palavras. (CASTILHO, 2012, p.123).

referencial que são “aquelas que permitem a construção, no texto, de cadeias referenciais por meio das quais se procede à categorização ou recategorização discursiva dos referentes” (2003, p.85): uso de pronomes ou elipses (pronome nulo); uso de expressões nominais definidas e uso de expressões nominais indefinidas.

A pronominalização (anafórico ou catafórico) de elementos co-textuais são operações de formas gramaticais que exercem a ‘função pronominal’ (pronomes propriamente ditos, numerais, advérbios pronominais). No uso de expressões *nominais indefinidas* com *função anafórica*, por exemplo: “*um homem* de camisa branca calças pretas, *um chinês num oceano* de 1,1 bilhão de chineses, *um desconhecido*”. Koch afirma que “esse exemplo evidencia como o referente principal (protagonista) vai sendo construído textualmente, em primeiro lugar com o emprego de descrições indefinidas, depois de descrições definidas”.

Sobre o uso do artigo indefinido Koch (2004, p.104) diz: “As expressões nominais introduzidas por artigo indefinido não são normalmente adequadas para a retomada de referentes já introduzidos no texto. Contudo, elas podem em certas circunstâncias, desempenhar tal função.” Numa visão geral da Linguística textual, as gramáticas ditas textual no seu início se dedicam ao estudo da coesão e da coerência.

Na Gramática de usos do Português de Neves (2011) a autora apresenta o *artigo definido* no capítulo ‘A referenciação situacional e textual: as palavras fóricas’ e o define

O **artigo definido** precede o **substantivo**. Ele ocorre, em geral, em **sintagmas** em que estão contidas informações conhecidas tanto do falante como do ouvinte. O que determina a sua presença, entretanto, é a intenção do falante e o modo como ele quer comunicar uma determinada experiência. O uso do **artigo** é, pois, extremamente dependente do conjunto de circunstâncias, linguísticas ou não, que cercam a produção do enunciado. (NEVES, 2011, p.391) (grifos da autora)

A autora afirma que o artigo definido ocorre em sintagmas referenciais em que a definição é obtida no contexto extralinguístico (exófora, ou referência situacional). O *artigo indefinido* é apresentado no capítulo ‘A quantificação e a indefinição’ (2011, p. 513) e diz: “são palavras não fóricas. Usam-se antes de substantivos quando não se deseja apontar ou indicar a pessoa ou coisa a que se faz referência, nem na situação nem no texto.” O artigo indefinido tem como emprego bem característico a introdução, no texto, de um referente que, na sequência, poderá ser referenciado. O valor do artigo indefinido em relação à posição sintática do SN por ele determinado na posição de sujeito, a condição de genericidade ou especificidade é condicionada pelo número gramatical (singular ou plural); na posição de predicado; o substantivo exerce o papel de classificador, por exemplo: “Ela é **uma deusa**”. A função do artigo indefinido é apresentada por Neves (p. 520-521): adjunção, pronominalização e substantivação.

Neves (2011, p.533) apresenta o *pronome indefinido* em quatro partes: a natureza, a função, o seu emprego e locuções pronominais indefinidas. Quanto à natureza “os pronomes indefinidos são, em princípios, palavras não fóricas, isto é, não constituem itens com função de instruir a busca de recuperação semântica na situação ou no texto.” Quanto à função podem ser nucleares ou periféricos dentro do SN e quanto ao seu emprego são marcados pelo gênero e/ou número.

Fiorin (1999, p.40) ao definir enunciação a partir de um eu-aqui-agora afirma que para construir o discurso são importantes às categorias de pessoas, de espaço e de tempo. Assim, nesse processo, faz uso de dois mecanismos a *debreagem* e a *embreagem*. *Debreagem* é a operação em que se projetam no enunciado a pessoa, o espaço e o tempo



(Greimas e Courtés, 1979, p.79 citado por Fiorin 2014, p. 178) e a embreagem é “o efeito de retorno à enunciação”.

Benveniste em seu artigo “O Aparelho formal da enunciação” mostra que nas categorias de pessoa não há traços comuns entre as três pessoas, ele apresenta duas correlações: a da pessoalidade, em que se opõem as *pessoas eu e tu* (pessoa enunciativa) e *não pessoa ele* (pessoa enunciva).

Fiorin, ainda faz a seguinte afirmação “três conjuntos de morfemas servem para expressar a pessoa: os pronomes pessoais retos e oblíquos; pronomes possessivos e as desinências número - pessoais dos verbos”. Nesse sentido embora a abordagem seja de cunho enunciativo deixa seu olhar totalmente fora das questões de definição e indefinição. A categoria de tempo vai marcar se um acontecimento é concomitante, anterior ou posterior a cada um dos momentos de referência. Por fim, a categoria de espaço linguístico cuja marca linguística é o pronome demonstrativo. Fiorin (2014, p. 175) assevera que “o demonstrativo partilha com o *artigo* a função de designar seres singulares, mas não tem como este a função de generalizar”. O que podemos observar que essa abordagem trata os indefinidos como algo menor na construção da enunciação.

Na abordagem teórica enunciativa, Benveniste faz uma tríade epistemológica da linguagem, estabelecendo uma relação entre homem, linguagem e cultura. Apresenta-nos a teoria da “dupla significação” da língua – o semiótico e o semântico – utilizada para pensar a escrita não da mesma forma como foi feita por Saussure, dedicou-se a aprendizagem da escrita e os tipos constituídos ao longo da história, menos para buscar a origem da escrita e mais para entender como o homem, em cada cultura, simbolizou sua escrita.

No seu texto “*A natureza dos pronomes*” afirma: “o problema dos pronomes é, ao mesmo tempo, um problema de linguagem e um problema de línguas, ou melhor, que só é um problema de língua por ser, em primeiro lugar, um problema de linguagem” (BENVENISTE, 1995 p. 277). Embora sua análise centre-se nos pronomes pessoais, concordamos com o que afirma Flores (2013, p. 94): “a partir de sua (Benveniste) reflexão sobre os pronomes, ele fala [...] da posição que cada um é obrigado a ocupar na linguagem”. Isto nos coloca aqui também na possibilidade de estudos dos pronomes indefinidos; o autor defende que as palavras ditas dêiticas não remetem a posições objetivas no tempo ou no espaço, mas na enunciação. O relevante é que Benveniste, neste artigo, busca elementos que lhe permitam circunscrever o objetivo (a não pessoa) e o subjetivo (a pessoa) na língua e os índices que os identificam.

Os pronomes indefinidos inserem-se na categoria de não-pessoa, indicam conceitos, noções gerais que, na e pela enunciação, se especificam, pois têm referência em *eu, tu, aqui, agora*, a presente instância de discurso da qual decorre seus sentidos.

Os pronomes indefinidos são palavras que apresentam dois domínios: o domínio semiótico e o domínio semântico, na perspectiva benvenistiana. Quanto à significação, são de caráter duplo, uma vez que encerra significação relativa à língua como sistema coletivo e significação relativa à língua em ação, referência atribuída pelo sujeito que exprime sua atitude e a situação enunciativa.

### **3. Noção de definição na abordagem da Teoria das Operações Enunciativas e Predicativas**

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antonie Culioli trata da linguagem com em uma tríade de *representação, referência e regulação*. Esses níveis são operações de construções das atividades da linguagem. A noção aqui definida não é apresentada por nenhuma abordagem até aqui nos apresentada. Entender esse conceito é

um dos principais pontos de fundamentação, pois a TOPE não trata de classificações como as outras abordagens, seu objeto de análise é o enunciado.

A marca da noção de indefinição é uma operação de construção enunciativa no ato do dizer que envolve os valores referenciais ali presentes em cotextos sempre enunciativos. As análises são pautadas na perspectiva da enunciação em que temos a preocupação em explicar o processo de produção e reconhecimento dos enunciados como marcas de indefinição na interação textual que envolve o sujeito enunciador e o sujeito coenunciador. Neste ato de construção de enunciação está presente o que define Culioli como Sit (Situação de enunciação) em relações que marcam articulação com as categorias de tempo e de espaço e o léxico, constituindo o sistema de relações que envolvem o conceito de noção, de domínio nocional e as operações predicativas e enunciativas que Culioli chamou de operação de *repérage*.

Nesta análise nos delimitaremos na questão: Qual o papel dos artigos definidos e indefinidos como operações de determinação para as construções dos valores referenciais? Quais os mecanismos enunciativos envolvidos na **definição-indefinição**? Culioli nos apresenta uma análise de operações de determinação de quantificação QNT e de qualificação QLT. Observamos que existe um grande número de valores construídos nas relações enunciativas com o emprego das marcas de definição-indefinição; o *artigo definido* pode assumir os valores: unicidade, identificação, Anafórico, descritivo, Genérico, marcador de totalidade de uma classe, marcador de uma quantidade ou de uma qualidade de uma entidade específica. O *artigo indefinido* pode assumir os valores *especificidade, não-especificidade, genericidade, numeral e individualizante*.

Nas abordagens atuais, tanto teóricas quanto práticas, dessa problemática que se preenchem por quadro teórico dos estudos linguísticos e lógicos não encontramos nenhuma explicação satisfatória dessas operações de determinação. No quadro teórico de Culioli a determinação se constrói em uma representação das operações de extração para os artigos indefinidos e a operação de *flechagem* para os artigos definidos. E a operação *varredura* para os pronomes indefinidos. Todos esses problemas se situam na fronteira do extralinguístico e do linguístico. Os artigos quando acompanham nomes *discretos* (descontínuos) surge mais com o definido, ex: o homem, a casa; nomes *densos* (contínuos) surgem com o indeterminado, ex: um ataque de angina de peito, pois está associado ao neutro e ao indeterminado.

### **Determinante nominal: análises dos mecanismos enunciativos das noções dos artigos nas produções textuais**

O jogo existente entre as dimensões QNT e QLT das noções e das entidades pode ser reformulado por meio de relações que constituem os valores referenciais construídos em um enunciado.

(1) “Em uma noite muito escura.”

A unidade <noite> cabendo-lhe apenas a função de suporte desse conjunto de qualidades que constitui a noção <ser escura> dá uma caracterização de denso QNT/QLT. E há um gradiente: muito escura> <pouco escura>. O artigo indefinido é utilizado com função de determinação nominal que está qualificada por ‘escura’ e quantificada sem uma precisão.

(2) “Era uma vez uma casa que era muito assustadora.”

- (3) “**Um certo dia uma família passaria por um fato triste. Um dos filhos do homem estava muito mal de saúde e precisaria de um remédio que naquela época era raro e quem o possuía era uma curandeira misteriosa e que causava medo em todos.**”

As marcas de determinação identificadas no enunciado acima marcadas pelo “um” são apresentadas por diferentes categorizações nominais, de acordo com Culioli: **Um certo dia uma família um fato triste Um dos filhos do homem uma curandeira misteriosa todo**

<Um certo dia uma família **passaria** por um fato triste.>  
 <Um dos filhos homens **estava** muito mal de saúde>  
 < e **precisaria** de um remédio que naquela época **era** muito raro>  
 <e quem o **possuía** era uma curandeira misteriosa>  
 ≤ e que **causava** medo em todos>

Como observamos nos enunciados acima, as propriedades que regem os domínios nocionais saem de diversas categorias que seriam da:

Noção semântica

<ser dia>, <ser família>, <ser triste>, <ser filho>, <ser homem>, <ser saudável>  
 <remédio>, <ser raro>, <ser curandeira>, <ser misteriosa>, <medo>, <todos>.

Noção gramatical

- ✓ Aspectualidade

- 1) <Um certo dia uma família **passaria** por um fato triste.>

O tempo e a aspectualidade remetem a uma diátese, de maneira que estabelece uma voz que nos faz refletir na possibilidade de um fato que teve uma causa e será conduzida a uma consequência que permitirá acionar um clímax para a narrativa.

- 1a) Um fato triste foi passado um certo dia por uma família;  
 1b) A família passa-se triste;

A marca <um dia certo> tem o determinante ‘um’ que se encontra na QNT/QLT, a ação do agente da ação, mas ‘certo’ delimita a classe de dia, seleciona um dia para ocorrência do fato triste que ocorreu na família.

- ✓ modalidade

- 1) <Um certo dia uma família **passaria** por um fato triste>  
 1c) Um certo dia uma família **poderia passar** por um fato triste

O sujeito constrói o enunciado envolvendo ‘o possível’, o fato que ocorreu com a família, ocorreu mesmo, ou seja, ele o modaliza para uma certeza de que houve o acontecimento.

- (4) “**Era uma vez uma mulher ia numa velocidade máxima e morreu mais ela pensava que estava viva.**”

As operações de QNT e QLT dão à noção <ser mulher> uma fragmentação de representação na dimensão extensional. Nessa operação de QNT ocorreu a extração, que consistiu na individualização da ocorrência da noção <ser mulher> para <mulher morreu>, ela foi isolada da classe de mulheres “uma mulher que morreu< mulher que ia numa velocidade máxima” >, passando para uma noção singularizada.

A natureza da fragmentação da noção interfere nas operações de determinação marcada pelo uso dos artigos indefinidos. Vejamos:

< uma vez> <uma mulher> <numa velocidade>  
 <ela viu um homem na beira da estrada>  
 <ela **via sempre** o mesmo homem **pedindo** carona>

As marcas ‘*um*’ ‘*uma*’ ‘*numa*’ presentes nos enunciados acima, são eles (os artigos) que constituem uma marca de determinação que operam sobre o QNT/QLT da noção. Nossa observação busca as operações de construção do enunciado que levam às invariantes responsáveis pela variação dos valores referenciais da marca determinada pelo artigo definido/indefinido. Como já apresentamos no capítulo teórico desta Tese, as ocorrências de uma noção estabelecem relações entre si, ou seja, nenhuma ocorrência é tomada isoladamente, existe entre elas um feixe de relações que se manifestam no processo de construção do enunciado.

O traço **discreto** é associado à noção **p**, podendo ser enumeradas <uma vez, duas vezes, três vezes e/ou uma mulher; duas mulheres etc.), no traço **denso** encontramos a noção e observaremos ocorrências determinadas.

(5) “há muito tempo atrás em um interior chamado (Sambaíba).”

O determinante “um” em 5, “**um interior chamado (Sambaíba)**” não indetermina o nominal ‘interior’, sua noção é tipificada pelo QLT que foi especificado por Sambaíba, deixando de ser indeterminado e tornando-se determinado.

(6) “Ela conta que era mais ou menos umas (08 horas da noite)

Em “umas” do enunciado (6), nota-se que vem acompanhado “**mais ou menos umas 08 horas da noite**”, esse enunciado faz uma graduação ou gradiente para provocar uma incerteza da marcação do tempo na enunciação, isto pode gerar o efeito desejado pelo aluno, provocar o suspense.

(7) “ela conta que só deu tempo ela pegar um facão e uma lamparina e sair na porta”

O determinante “um” acompanham nominais discretos, o QNT da tipificação desses nomes são predominantes em relação ao QLT. Há uma extração dessas ocorrências das noções < ser FACÃO> e < ser LAMPARINA>.

(8) “ela conta que entrou um lobisomem do tamanho de um jumento novo dentro da casa”

Em (8), “**entrou um lobisomem do tamanho de um jumento novo**” os determinantes acompanham nominais discretos, mas em “um jumento novo” novo particulariza a noção <ser JUMENTO> não é qualquer jumento é ‘um jumento novo’. Há

uma comparação: “um lobisomem do tamanho de um jumento” também se opera a especificidade do lobisomem, ele tem forma e aparência de jumento.

A negação como já podemos observar faz parte da discretização da noção apresentada por <ser LOBISOMEM>, como forma de estar preparado contra uma aparição de um ser desconhecido, se deve à necessidade de se estar prevenido com as ferramentas para destruir o lobisomem “*nunca mais ela anda sem facão ou algo do tipo*”.

(9) “a gente ia andando até que escutamos uma coisa andando junto com a gente”

Do que observamos, ressaltamos a noção <ser Coisa> no enunciado “a gente ia andando até que escutamos uma coisa andando junto com a gente”. Há a existência da continuidade do movimento marcado pela aspectualização e audição, <coisa> que se movimenta e faz barulho. O artigo indefinido determina a extração do conjunto de coisas. Há a presença de algo que provoca medo entre as colegas que voltam caminhando a pé da escola.

(10) “*Outra história num povoado bem próximo da escola*”.

Inicia-se com a expressão indefinida ‘outra’, particularizada por história, porém localizada, o que propôs o aluno, “próximo da escola”, em outro lugar não definido <num povoado> ‘num’ é em+um, ‘em’ preposição de lugar ‘um’ artigo indefinido determinado pela operação de extração de QNT e QLT da noção <ser POVOADO>, sempre empregado lexicalmente como ‘interior’, ‘campo’, ‘zona rural’, ‘não cidade’.

(11) “*Certa vez um homem se preparava para seguir viagem... Então ele seguiu viagem percorreu um longo caminho até chegar em um trecho deserto sem casas.*

<Um Homem viagou> <Um longo caminho> <um trecho deserto>

<alguns trechos> <ele (um homem) escutou alguém falar.

O tempo e a aspectualização são conclusivas, uma escolha intersubjetiva para marcar uma certeza dos fatos, mas os determinantes “um” e “alguns” fazem uma extração, em <um longo caminho>, é um gradiente do domínio nocional de caminho, o QNT é configurado pelo termo ‘longo’. Na noção de <ser TRECHO> há duas ocorrências diferentes dessa noção, <um trecho deserto> e <alguns trechos>, no primeiro a extração foi particularizada por ser deserto e sem casa, não havia moradias. No segundo, ‘alguns’, são mais de um, porém em uma definição de QNT, existe uma fragmentação dessa noção. Em, <ele escutou alguém falar>, há um alguém, e esse alguém falou e o homem escutou, a aspectualização definida ou efetivada, ou seja, uma certeza que o fato aconteceu.

### Considerações finais

Todas as abordagens teóricas de prescritivista, de descritivista e de interacionista aqui apresentadas neste estudo trataram da questão da indefinição, porém a determinação e indeterminação nas abordagens enunciativas são cada vez mais deixadas de lado, sem um olhar de destaque para essa questão da indefinição nos estudos da linguagem.

### REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2014.

- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I** [1966]. 4. ed. Tradução Maira da Glória Novak e Maria Luísa Néri. Campinas-SP: Pontes, 1995.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations**. Paris: Ophrys, 1990, Tome I.
- CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation: Domaine notionnel**. Paris: Ophrys, 1999b, Tome III.
- CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation: Formalismo et opérations de repérage**. Paris: Ophrys, 1999a, Tome II.
- CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation: Tour et détour**. Paris: Ophrys, 2018, Tome IV.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 40. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
- NEVES, M. Helena Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2011.
- ONOFRE, Marília Blundi; REZENDE, Letícia Marcondes (Org.). **Linguagem e línguas naturais: clivagem entre o enunciado e a enunciação**. São Carlos: Pedro & João, 2009.
- PERINE, Mário Alberto. **Princípios da linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola, 2006.
- REZENDE, Letícia Marcondes. **A indeterminação da linguagem e o conceito de atividade no ensino de língua materna**. Estudos Linguísticos, São Paulo, 40 (2) p. 707-714, mai-agos. 2009.

**Recebido em:** março de 2021.  
**Aprovado em:** junho de 2021.

**Como citar este trabalho:**

---

ONOFRE, M. B.; FACUNDES, L. P. A “noção da indefinição” nas abordagens linguísticas. **Traços de Linguagem**. v. 5, n. 1, p. 50-63, 2021.

---